

**DO ‘CISNE ERRANTE DOS SANGRENTOS RASTROS’ AO DESALOJAMENTO COMO IDENTIDADE: UMA LEITURA DE *TESTEMUNHO TRANSIENTE* (2015), DE JULIANO GARCIA PESSANHA**

Debora Duarte dos SANTOS<sup>1</sup>

**RESUMO**

Considerado pela crítica como o artífice de uma escrita cuja dimensão trágica solicita, de seu leitor, o abandono do eu e da racionalidade, Juliano Garcia Pessanha ultrapassa os usos e limites do verbo. Em seus textos nos deparamos, por um lado, com Nietzsche, Heidegger, Artaud e, por outro, com nomes como os de Kafka, Fernando Pessoa e, até mesmo, de Clarice Lispector – são os diálogos, seus contrabandos e apropriações. É neste embaralhamento do dizer, e inclusive dos gêneros, que localizamos os objetivos deste trabalho. Gostaríamos de evidenciar como em alguns textos da tetralogia *Testemunho transiente* (2015), o escritor coloca em articulação literatura e filosofia, fazendo de seu sufocamento biográfico o vetor de uma dicção que busca digerir intranquilidades e, principalmente, contrapor-se à máquina de sentido moral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juliano Garcia Pessanha; *Testemunho transiente*; Literatura; Filosofia.

**FROM THE WANDERING SWAN OF THE BLOODY TRACES TO HOMELESSNESS AS IDENTITY: A READING OF *TESTEMUNHO TRANSIENTE* (2015), BY JULIANO GARCIA PESSANHA**

**ABSTRACT**

Juliano Garcia Pessanha overcomes the uses and limits of the words. He is considered by the critics as an artificer of the writing, which the tragic dimension requires, from his readers, the abandonment of self and rationality. On one hand, in his works we come across with Nietzsche, Heidegger, Artaud, and from another hand, we come across names like Kafka, Fernando Pessoa, even Clarice Lispector – the dialogues are his stealing and appropriations. It is in its entanglement of the speech, including the genders, that we identify the aim of this work. We would like to evidence how in some texts from the tetralogy *Testemunho transiente* (2015), the writer places literature and philosophy articulation, making from his biographic suffocation the vector of a diction that seeks digesting uneasiness and, mainly, oppose itself against the moral sense machine.

**KEY WORDS:** Juliano Garcia Pessanha; *Testemunho transiente*; Literature; Philosophy.

[...] *O homem não se desvendou, nem foi atingido:  
Na zona onde repousa em limos  
Aquele rosto cuspidor e aquele  
Seco perfume de magnólias,  
Fez-se um silêncio branco...E, aquele  
Que não morou nunca em seus próprios abismos  
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas  
Não foi marcado. Não será marcado.  
Nunca será exposto  
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao*

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

poema.

(“Zona Hermética”, Manoel de Barros)

*Em 28 de agosto de 1904, numa carta ao seu amigo Max Brod, Kafka escreveu: ‘[...] quando abria os olhos depois de uma breve soneca, ainda pouco seguro de minha existência, ouvi minha mãe perguntar da sacada com tom natural: que faz você? E uma mulher respondeu do jardim: ‘Estou lanchando no gramado’. Então me surpreendi com a firmeza com que as pessoas sabem levar a vida.*

(*Ignorância do sempre*, Juliano Garcia Pessanha)<sup>2</sup>

### Primeiras colocações

“Abri um pouco a porta estreita do guarda-roupa, e o escuro de dentro escapou-se como um bafo. Tentei abri-la um pouco mais, porém a porta ficava impedida pelo pé da cama, onde esbarrava. Dentro da brecha da porta, pus o quanto cabia de meu rosto. E, como se o escuro de dentro me espiasse, ficamos um instante espindo sem nos vermos. Eu nada via, só conseguia sentir o cheiro quente e seco como o de uma galinha viva”. Sem saber por onde começar é por aqui que começo, tomando emprestada esta vertiginosa cena de *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, para falar do escritor e filósofo Juliano Garcia Pessanha. É bem verdade que meu traquejo com as palavras de *Testemunho transiente* (2015) se traduz timidamente e vou devorando (incorporando) este “monstro” desterritorializante pelas bordas – como um exercício antropofágico de quem acabou de nascer. Ponho de mim o quanto é possível. Fico à espreita por um tempo, apenas sentindo o hálito árido reiterado em suas páginas. Sou como G.H: espio o livro e ele me espia, ainda que com isso não nos vejamos. Com um pouco mais de cautela persigo suas páginas uma a uma, buscando uma leitura dionisiana, capaz de “atravessar a parede embolorada” de meu entendimento e destas coisas que em mim não têm paz. Sem a palavra justa, uso o que tenho e o que pressinto. Que posso esperar, “que vou fazer, cego e enteado”<sup>3</sup>, sequestrado de mim mesmo, anômalo da matilha? Minha consciência, no entanto, alerta-me quanto ao fato de que sou alimentado pelo fracasso e pela opacidade, fazendo-me saber que essa tentativa letal e irreversível – a de falar com ele e com suas apropriações será, muito provavelmente, o adensamento de meu silêncio. Ainda assim, coloco um tanto da massa branca em meus lábios, passeio com a língua inescrupulosamente. Com seu sabor descubro o afeto da experiência e me projeto no mundo como possibilidade. Arrisco-me a escrever, ainda que toda interpretação seja uma traição, uma opacidade, a sustentação de um mascaramento, um aborto.

<sup>2</sup> Excerto retirado do livro *Ignorância do sempre*, que compõe a tetralogia *Testemunho transiente*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 118-119.

<sup>3</sup> Poema “Que vou fazer, cego e enteado”, da poeta russa Marina Tsvetáieva.

## Da infecção da escrita à gênese do poeta: do “cisne errante dos sangrentos rastros”<sup>4</sup> ao desalojamento como identidade

Nascido em 1962, Juliano Garcia Pessanha é bacharel em filosofia (1986), mestre em psicologia clínica (2009) e está às vésperas de receber seu doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo. Em 1997, recebeu o Prêmio Nascente e, atualmente, dirige grupos de estudos sobre Literatura e Filosofia. Juliano Pessanha já publicou alguns livros, dentre os quais: *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), publicados inicialmente pela Ateliê Editorial e, agora, reunidos na tetralogia *Testemunho transiente* (2015) editada pela Cosac Naify. Em 2016, publicará *Diálogos e incorporações* pelo selo editorial Malha Fina Cartonera.

Podemos dizer que os movimentos que caracterizam a escrita de Pessanha revelam o que Leyla Perrone-Moisés chamou de “literatura exigente”<sup>5</sup>: um gênero inclassificável, sobretudo porque, assim como as vanguardas “[...] recusa a linearidade narrativa e [...] mistura [...] ficção, diário, ensaio, crônica e poesia, desafiando marcações de gênero”<sup>6</sup>. O escritor ultrapassa os usos e limites do verbo, desestabiliza o império da racionalidade, criando, assim, “[...] um dizer que agoniza [...]”, uma agonia que extravasa o âmbito da escrita – tomando emprestadas as palavras de Labanca (2013). Vale ressaltar que o autor, heideggeriano de primeira linha, discute em suas obras o existir – este modo humano de ser –, refletindo acerca do mal-estar circunscrito nas existências plenas. É sobre os abismos do “buraco branco” e o nascimento humano que se debruça o autor, criticando, inclusive, a autossuficiência que engessa o ser e opondo-se às formas blindadas da máquina de sentido moral. Com isto, o argumento que justifica nosso trabalho que, dentre outras leituras, prevê sobretudo os diálogos entre literatura e filosofia, reside no fato de que a literatura vertiginosa de Juliano Pessanha deixa escorrer de suas bordas as reflexões sobre a encenação intramundana da existência, tal como afirmou o filósofo Franklin Leopoldo e Silva, em resenha à obra *Sabedoria do nunca* (1999), denunciando, assim, o “corpo indomável” e a “experiência abissal” (MACHADO, 2015) deste escritor que, ademais de criticar o “mercado das ideias”, encara a noite como elemento abarcador (PESSANHA, 2015, p.125), e registra “[...] com lucidez e desgosto, o estado lamentável de nossa ‘civilização’” (PERRONE-MOISÉS, 2012).

<sup>4</sup> Referência ao poema “Nocturno”, de Delmira Agustini.

<sup>5</sup> Aqui fazemos menção ao artigo homônimo que a autora publicou no Jornal Folha de São Paulo, em 2012.

<sup>6</sup> Matéria publicada por Marcelo Vinícius em Artes e Ideias: “O mundo vê florescer uma geração de autores de fato marcantes?”. Disponível em: [http://lounge.obviousmag.org/marcelo\\_vinicius/2013/02/o-mundo-ve-florescer-uma-geracao-de-autores-de-fato-marcantes.html](http://lounge.obviousmag.org/marcelo_vinicius/2013/02/o-mundo-ve-florescer-uma-geracao-de-autores-de-fato-marcantes.html). Acesso em: 17 de janeiro de 2016.

Em *Testemunho transiente* (2015) a experiência inicial se dá no índice, demandando por parte do leitor a seguinte pergunta: Afinal, a que gêneros se dedica Juliano Pessanha? Ou, mais ousadamente: Como ler sua obra? Como ler esse caleidoscópio de gêneros no qual prosa, poesia, fragmentos de diários, ensaios, heterobiografias e heterotanografias se desenham no horizonte de um novo paradigma literário, ou para falar com Leyla Perrone-Moisés (2012)<sup>7</sup>, no paradigma de uma “literatura exigente”, cuja “[...] linhagem literária reivindicada [...] é construída dos mais complexos escritores da alta modernidade: Joyce, Kafka, Beckett, Blanchot, Borges, Thomas Bernhard, Clarice Lispector, Pessoa”? Como se comportar diante de uma obra tal qual a de Pessanha? Uma obra na qual escutamos vozes subterrâneas e seus ecos. Enfim, que tipos de leituras sua escrita solicita? E o porquê da impossibilidade de classificação formal dos textos?

De pronto, poderíamos responder às questões pensando numa espécie de hibridez dos gêneros, defendendo, assim, o estilhaçamento do tríptico cartesiano, já que ordem, clareza e forma passam a habitar uma zona movente e pantanosa, definindo, com isso, a indisciplina do verso na obra de Pessanha.

Tais ponderações não seriam de todo insustentáveis, sobretudo porque vemos no escritor o intento de, a partir da ausência de *le mot just*, convocar o leitor para que este também viva a experiência da náusea. Entretanto, podemos ir um pouco além das reflexões iniciais, justificando a proposta de dicção do autor com aquilo que Jayme Paviani, apresenta em seu artigo “Traços literários e filosóficos nos textos” (2009): a ideia de “imbricamento” presente no território da escrita. Dito de outra forma, interessa-nos, antes, estabelecer aproximações e distanciamentos entre os gêneros, que os separar didaticamente com a pretensa ideia de que isto solucione os problemas coagulados na leitura. No texto de Paviani (2009) sabemos que a discussão de base está centrada na questão dos gêneros, tendo como ponto de partida as fronteiras entre literatura e filosofia, tanto que o próprio teórico aponta que, em termos de gênero, a poesia em relação à prosa, está muito mais próxima do território dos filosofemas, já que aquela é sempre mais oblíqua que esta. E, muito embora concordemos com o filósofo em muitas de suas ponderações, quando pensamos na escrita de Juliano Pessanha desconfiamos de sua tese. Em *Testemunho transiente* (2015), por exemplo, os limites estão esfacelados. A experiência de escrita de Juliano Pessanha, enquanto filósofo e como escritor de textos literários, apresenta-se como um todo amorfo, não domesticado, ou como o próprio escritor desejou: sua literatura, a escrita do Fora, não busca “[...] produzir mais um pensamento para enriquecer o estoque da cultura [...]”, antes opera “[...] uma mutação na nossa maneira de existir”, de pensar e, até mesmo, de escrever (PESSANHA, 2015, p. 125).

<sup>7</sup> Cf. nota 5.

Deste modo, ainda que o escritor não se dedique apenas à poesia ou à filosofia, toda sua literatura é invadida pelo acento poético e filosófico: sua prosa é poético-filosófica, seus aforismos são poético-filosóficos, seus ensaios herdam qualidades de um Pessoa e de um Heidegger, suas heretobiografias e heterotanatografias gotejam versos, sons e ritmos. Assim, como na filosofia, a literatura de Juliano Pessanha trabalha muito mais com a questão dos temas, que com a violenta e agressiva preocupação de enquadramento tipológico.

A passagem pelos “gêneros” não é um experimento literário da diversidade, mas uma forma de intensificação da busca interminável. É por isso que vemos nos ensaios a resistência à forma teórica e a opção pela experiência do caminho do pensamento. Nos poemas, a resistência às formas poéticas e ao ritmo cadenciado da expressão. Na ficção a presença do imaginário comprometido com a desmistificação da realidade domesticada. E, na base de tudo isso, uma experiência muito singular da leitura em que a universalidade que esgota a cultura se desdobra numa rigorosa seletividade, cujos critérios são o estranhamento como potencial da palavra, a fragilidade da expressão e o resguardo da negatividade. (SILVA, 2015, p. 20).

Ou, como apontado por Deleuze: “[...] escrever não é impor uma forma (de expressão) a uma matéria, a do vivido. A literatura tem que ver, em contrapartida, com o informe, com o inacabado, como disse Gombrowicz e como o fez” (DELEUZE, 1997, p. 11)

Dito isto, esclarecemos que os textos a serem analisados estão perpassados por esse vazamento da dicção e do estilo. São textos que desautomatizam pensamentos e formas cristalizados pela escrita e leitura canônicas. São referenciais de uma “escrita que se dá no deserto” de um antípoda ao homem moderno, que “arrebenta a palavra por dentro” (SILVA, 2015, p. 13), e que jaz no território de uma superfície lancinante. Destacamos que, independentemente dos gêneros e das transgressões formais operadas por Pessanha, optamos por discutir as estratégias literárias adotadas pelo autor em *Testemunho transiente* (2015), mais precisamente nos seguintes textos: “Deslocamento”, “Margem”, “Esse-menino-aí” e “A exclusão transfigurada”, além de tentar problematizar este *corpus* a partir dos ensaios “Por uma nova topologia da sanidade”, “Natalidade e crise do tempo antropológico” e “Instabilidade perpétua” – todos presentes na tetralogia citada. Queremos, ainda, explicitar o fato de que nenhuma escolha é aleatória, contudo o *corpus* selecionado não deixa de denunciar seus silêncios e arbitrariedades. Por que estes e não outros? Porque, respondemos, nestes textos vemos a dimensão existencial da arte, temos acesso ao silêncio desta e, principalmente, escutamos o “[...] subterrâneo, o sentido do mundo, a camada silenciosa e desconhecida [...]” deste mundo (PAVIANI, 2009, p. 62), escutamos, finalmente, o relato, o testemunho daquele que está em transiência, entre os abismos e a contingência. Escutamos aquele que está desalojado.

SANTOS, Debora Duarte dos. Do ‘cisne errante dos sangrentos rastros’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *testemunho transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

Em “Margem”, por exemplo, uma espécie de poema-fragmento, vemos a busca por uma nova topologia:

Chamo de pensamento topológico aquele que busca pensar os deslocamentos e as passagens de um lugar a outro, de uma dimensão da experiência a outra: é um pensar de orlas e de pororocas, de fronteiras e de extremidades, onde um mundo é abalado ou se desmorona no encontro com outro mundo. (PESSANHA, 2015, p. 217).

Topologia diferente daquela orquestrada socialmente, vista pelo protagonista como imantada pelo fracasso. Com isso, o personagem revela-nos estar “suspenso” e que “os fios se cortaram”: velam-se os resquícios da marionete social, a banalização da vida, a projeção de si e dos outros, “[...] a infâmia deste mundo repugnante, que diz tudo produzir e compreender [...]” (Idem, p. 51). O eu lírico-narrador coloca-se à “margem” do *status quo* e, ainda que despossuído de fala, já que foi “convertido ao silêncio”, diz: “Nenhum hábito me repete”. Eis o clímax do texto: estamos diante de um “eu” atacado pela vertigem da imigração e pelo choque de ter que ficar “face a face com o segredo da noite”, quiçá “numa viagem sem volta” (Idem, 2015, p. 61). É assim que começamos a pisar no território de Juliano Pessanha: num terreno árido. O poema-fragmento, como assim o nomeamos, em suas poucas 11 ou 12 linhas traduz, em muito, o modo como Pessanha torna possível o acontecimento humano.

Vale dizer que a originalidade presente na literatura de Pessanha, uma “literatura de proposta” (PERRONE-MOISÉS, 2012), é, antes, justificada pela gratuidade existencial demonstrada nos temas desenvolvidos em seus enredos, que a busca por um destino semântico orientador e orgânico. “Z”, por exemplo, protagonista do conto “Deslocamento”, ademais de fazer-nos observar a intertextualidade da narrativa, lembrando-nos de um dos personagens mais consagrados da prosa kafkiana, é um destes que, atravessado pela vertigem, pela náusea, como o próprio “K” e Antoine Roquentin, personagem de Jean-Paul Sartre, vivem “[...] na província do esvaziamento” e numa “[...] conexão direta com a sua precariedade” (PESSANHA, 2015, p. 33-37). Os espaços frequentados por “Z” são territórios vazios, insuficientes, povoados por pessoas que podiam

[...] chorar em enterros, compreender reuniões de pessoas animadas, fazer gestos efetivos, compartilhar feriados, dizer palavras familiares e enraizadas, sorrir de piadas na ocasião oportuníssima, crer em guerras, pegar doença grave, trocar olhares reciprocamente metafísicos, namorar, exigir máximas de ação, atingir objetivos (inclusive eróticos), ler livros de ciência e ficar de rosto sério, fazer amigos etc. (Idem, p.32).

enquanto que para “Z”, na “província do esvaziamento”, só lhe era possível escutar um eco, uma resposta: “Não há nada em mim que possa me acolher [...] Minha substância é essa dor diferente [...]” (Idem, p. 39), e não o “[...] pensamento verdadeiramente essencial [...] indestrutível [...]” (Idem, p. 44), intrínseco ao lado de Dentro do mundo.

SANTOS, Debora Duarte dos. Do ‘cisne errante dos sangrentos rastros’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *testemunho transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

Em “Deslocamento” há um abortamento, a falência de um projeto: a tentativa de “Z” de sair do território “pré-natal”, da “[...] hesitação ante o nascimento [...]” (Idem, p.238), buscando, com isso, evadir-se daquela “[...] parte oca que o deixava sempre à margem de qualquer experiência possível” (Idem, p. 45), à margem da “saudação” e da “cena padrão” que “agencia a existência de cabo a rabo” (Idem, p. 194) e fornece o “[...] passaporte para a parte legível do mundo” (Idem, p. 48). Contudo, ao final do conto somos surpreendidos: assim como o personagem de Sartre, “Z” abandona o pedido de nascimento para o lado de Dentro do mundo, para denunciar a má-fé deste. Decide, então, optar pela narrativa de quem está na superfície oscilante: “E assim Z desceu ao fundo e a morte acolheu sua fúria, absolvendo-o das bizarras tentativas de chegar à claridade [...]” para com isso “[...] desbaratar a asfíxia do universo”, a “[...] infâmia deste mundo repugnante, que diz tudo produzir e compreender [...]”, mas que, tampouco, consegue “[...] pintar pequenas linhas no rosto de um selvagem” (Idem, p. 51). Este conto, portanto, acaba sendo o roteiro primeiro para a compreensão da tetralogia em questão, onde o autor “[...] registra com lucidez e desgosto, o estado lamentável de nossa civilização [...]”, desse universo “hipernomeado de sentido” e “hipersaturado de narrações” (PERRONE-MOISÉS, 2012). Esses “[...] seres inominados como Z ou K [...]” esses estranhos estrangeiros nada têm a nos dizer sobre o mundo em que vivemos; eles nos revelam um pouco do mundo em que morremos” (SILVA, 2002, p. 04).

Desta forma, notamos um trânsito, uma transiência, para falar como o autor: da condição de “cisne errante dos sangrentos rastros”, Juliano Pessanha, seus personagens, narradores e apropriações, abandonam a condição de “desalojados” e assumem esse estar do lado de Fora como pertencimento, já que: “A situação daquele que se perdeu [...] é paradoxalmente, a situação daquele que pode encontrar as coisas [...] perder a subjetividade identitária, a subjetividade subjetiva, é poder escapar de um presídio, pois aquilo que desaloja [...] é o mais hospitaleiro” (PESSANHA, 2015, p. 109).

[...] as afirmações da subjetividade não passam [...] de tentativas desesperadas de simular que se tem uma alma. A riqueza episódica que parece preencher com história a existência é apenas um efeito causado pela agitação inútil de quem se debate em palavras, preso na ‘armadilha dos significados’ (SILVA, 2002, p. 03).

Labanca (2013, p. 80), em seu artigo “Pela rugosidade da vida: a solidão e a escrita como rotas de fuga em Juliano Pessanha”, enuncia que a “[...] solidão [...] é [...] um modo de escape que Pessanha constrói para, a partir daí, deixar brotar outras modalidades de encontro”, e, neste aspecto, teremos que discordar da autora. Ainda que em seu texto Labanca (2013) aporte uma série de reflexões bastante pertinentes para que pensemos os modos a partir dos quais Pessanha pôde se

relacionar com o “mundo dessencializado”<sup>8</sup>, vale lembrar que a solidão vivenciada pelo autor não foi nem um modo de escape ou de fuga, tampouco o meio a partir do qual ele pode se deparar com outras modalidades de encontro. As possibilidades de encontro se apresentaram ao autor através mesmo do ato de escrita, pois como Pessanha (2015, p.91) afirma: “[...] o ato de escrever me fingia a ilusão do dentro. Assim, durante anos, fui anotando tudo em meus diários a fim de provar que eu vivia alguma vida [...]”. Isto, como vemos, não pode dar-se na região da solidão pura e simples ou ser apenas um modo de fuga, um ponto de apoio, posto que a temporalidade e as nomenclaturas habituais não são adequadas para compreendermos a obra deste escritor. A palavra solidão, tem em Labanca (2013), um sentido muito mais calcado nas experiências empíricas, que expropriadas. Em Pessanha não há uma fuga, há um abismo, há fendas, há regiões topológicas nomeadas pelo próprio autor: “[...] há um desfiladeiro frágil entre o buraco negro, onde zanzam os abismais, e o buraco branco,<sup>9</sup> onde erram os figurantes” (PESSANHA, 2015, p. 219). “Eles propõem, sem exceção, uma relação com a dor”. Expondo “[...] o homem moderno a dimensões esquecidas e recalçadas [...]”, fazendo-o “[...] sair de si, a cancelar o eu e deixar-se escavar pela fenda, pela terra, pelo outro e pela morte” (Idem, p. 218). Com isto, vemos que o outro é um *a priori* para o resgate das dimensões humanas.

É pensando neste outro que Pessanha escreve a heterotanografia “Esse-menino-aí”, gênero que é uma espécie de aedo de *Thánatos*. Pensado na etimologia do termo, teríamos: “hetero”: aquele que é outro, que difere; “tanato”: *Thánatos*, morte e “grafia”: o próprio gesto da escrita. E, neste sentido, nossa primeira interpretação incide no fato de que Pessanha, ao propor uma “outrificação”, opõe-se à máxima autobiográfica, justaposta à singularização positiva e considerada como a “escrita ilusória do eu” (PESSANHA, 2015, pp. 189-190). Com isso, notamos que o caminho normalmente traçado num gênero como o autobiográfico, que seria a narração exemplar da vida de um sujeito levando em consideração os principais acontecimentos desde seu nascimento até sua morte, obedece às máximas de uma temporalidade imposta e consolidada socialmente. Uma “scheherazadização digressiva” que “[...] não tem a menor condição de dialogar e de compreender aqueles que se tornaram um grito eterno [...]” (Idem, p. 180). Ao passo que, nos interstícios de um heterotanografia, não temos um tempo cronológico ditando o enredo, prevalecendo, portanto, o tempo antropológico, humano. Na heterotanografia predomina a temporalidade do não-nascido,

<sup>8</sup> Extraído de “Singular Filosofia”, texto disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/singular-filosofia/>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

<sup>9</sup> Como diz o autor: “Homens do buraco branco são os cidadãos da legalidade metafísica, os habitantes da representação e da palavra anticorpo. O segredo destes homens consiste em que vestiram o uniforme da identidade mundana e acabaram por se confundir com ele. Esse uniforme [...] blinda o corpo contra a vista apofática do buraco negro [...]. O homem uniformizado é um assustado, pois [...] está sempre ameaçado pela latência dos chacais” (PESSANHA, 2015, p. 220).

daquele que ficou do lado de Fora, que vivenciou o abortamento, a morte. O protagonista Gombro, nítida alusão ao escritor polaco Witold Gombrowicz, narra a história de sua família, da relação de seus pais, ou a falta dela, até sua concepção, retrata a realidade opressora de várias instituições, sobretudo, a que experienciou no “lugar-escola”, onde aprendeu “[...] a disciplina do massacre [...]” e “[...] soube da grande FALCATRUA” (Idem, p.165, grifo do autor). E, numa certa noite em sua “cela” – no lugar-quarto –, Gombro pode, então, converter este mesmo quarto num “quarto-para-escrever”, onde pode “[...] escrever uma verdadeira filosofia da vida” e perceber “[...] finalmente, que o caminho do mundo não era separável do caminho da morte [...]” (Idem, p. 185).

É por meio do irromper da natalidade e da crise da temporalidade que vemos a gênese do poeta, daquele que compreende o sentido da existência, que por ela se vê afetado e consegue diferenciar a mera duração cronológica do homem que “[...] se dependura apenas nas vivências e no contágio instantâneo [...], da temporalização antropológica do homem, cujo avanço, “[...] já não encontra marca alguma que o repita [...]” (Idem, pp. 192-193), como o fez o personagem de “Margem”. Nesta narrativa do não-nascimento, Gombro investiga o buraco branco, desafia os astrofísicos e denuncia o caos e a indeterminação que habitam sua língua estrangeira, essa que sempre o impediu de alcançar o “[...] lado de dentro do mundo [...]” (Idem, p. 185).

A infecção da escrita iniciada em “Esse-menino-aí” tem seu ponto culminante no quarto livro da tetralogia *Testemunho transiente* (2015). Em a “Exclusão transfigurada”, da obra *Instabilidade perpétua*, vemos a gênese do escritor, assumindo a partir da palavra e da literatura seu encontro territorializante – uma espécie de cidadania, de pátria. Mais que evidenciar o “brotamento” do artista a partir da “eclosão e a exclusão do mundo instituído, Pessanha homenageia Franz Kafka numa narrativa suturada pela dor e pela “potência do estranhamento”. Aqui, “[...] a fenda se converte em portal [...]” e “[...] assinala a inclusão no espaço poético [...]” (PESSANHA, 2015, p. 217), instaurando, assim, uma nova relação com a dor.

Kafka, narrador autodiegético, assume a enunciação em primeira pessoa para expor sua relação com um mundo no qual “florescem mais pessoas que não florescem”: “[...] percebi que seria impossível dar de mim mesmo alguma localização” (Idem, p. 237), que não passava “[...] de um hieroglifo sem sentido [...], que nascera “carimbado”, pertencente ao “apito do abismo”. Em aforismo criado por Juliano Pessanha – interlocutor de Kafka – lemos: “Assim foi a vida de Franz Kafka: ferido pelo aguilhão do minotauro, não encontrou o rosto que pulsava e, ainda assim, se sentiu culpado de não estar em casa” (Idem, p. 247). Temos duas cenas justapostas: a de Kafka e a de JP e, com isso, uma espécie de “rito de passagem”, a partir do qual se dá a transfiguração enunciada já no título do texto-performance. De uma dor passiva daquele que afirma: “Eu olhava o

horror e o horror olhava dentro de mim” – recordando-nos da cena apresentada em nossas primeiras colocações, em que explicitamos a experiência visceral vivenciada pela narradora de *A paixão segundo G.H* –, chegamos à experiência da partilha, em que JP assume a dor ativa e se vê “[...] inteiramente atravessado e precedido por uma experiência kafkiana” (Idem, p. 248). JP “[...] enuncia e revela [...] o crescente adoecimento do mundo” (p 250) e de sua boca:

[...] a palavra jorrava [...] completamente borbulhante e incalculada como se ele mesmo fosse um gêiser da Groenlândia ou do Parque de Yellowstone [...]. As palavras vibravam e saíam por sua goela numa festividade sem precedentes [...] JP parecia uma onda quebrando na areia de uma praia intacta”. (PESSANHA, 2015, p. 251).

E a partir da experiência de Kafka, quem nos revela o emudecimento “ante o muro das medidas” (Idem, p. 252), chegamos a JP, quem descobre que: “– Belo no homem é ele ser uma desmedida: então, a palavra visita a sua boca, pois ele está exposto ao milagre do mundo!” (Idem, pp. 252-253).

A literatura surge então como uma tarefa de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas usufrui de uma irresistível pequena saúde que vem daquilo que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes para ele, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu, do que escutou, o escritor regressa com os olhos vermelhos, os tímpanos furados. Qual a saúde que seria suficiente para libertar a vida em todo o lado onde ela está presa, pelo homem e no homem? É a pequena saúde de Espinosa, enquanto dura, sendo até ao fim testemunha de uma nova visão, que se abre à sua passagem” (DELEUZE, 1997, pp. 13-14).

## Considerações Finais

*Agradeço ao vento esquivo que me varreu do mundo: ele me deu a perplexidade, o olho sem pálpebra e um coração abissal para ressoar a imensidão da noite sem resposta”*

(“Agradecimento”, Juliano Pessanha, 2015, p. 277)

Certamente Juliano Pessanha em *Testemunho transiente* (2015) não apresenta apenas uma crítica à clínica, mas sim um minucioso exame das instituições sociais como um todo. O autor, cujo nascimento lhe foi impossibilitado, “abala o cômodo lugar de nossas certezas”. Através de suas reflexões filosóficas, sua angústia e sufocamento existenciais, Pessanha corrói as estruturas da linguagem e a ideia estabilizadora do pronome em primeira pessoa. Seus narradores, os “homens do buraco negro”, vivem o anonimato, sabem que “[...] a vida [...] é o estar numa estalagem esperando a diligência do abismo [...]” (Idem, 2015, p. 221) e:

SANTOS, Debora Duarte dos. Do ‘cisne errante dos sangrentos rastros’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *testemunho transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

[...] enquanto os homens do buraco branco entram para o hotel e desfazem as malas – e vão para o salão conversar, tendo inclusive fechado as janelas para não escutar o apito do trem da morte –, os homens do buraco negro nem chegam a cruzar a porta do hotel. Ficam em pé, na estação, sem desfazer as malas; sabem que o trem já está apitando. (Idem, pp. 221-222).

É com este tipo de dicção, “onde a angústia fermenta as palavras” (Idem, p. 277), que o autor ressemantiza a existência humana, busca digerir intranquilidades e, principalmente, contrapõe-se às formas fixas do mundo, sobretudo porque: “Ele não precisa ter medo de morrer, pois já nasceu morto e aposentado (Idem, p.222).

### Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Trans)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Lourival Holt Albuquerque. São Paulo: Abril, 2010.
- KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KAFKA, Franz. **O castelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KAFKA, Franz. **Cartas ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LABANCA, Maráiza. Pela rugosidade da vida: a solidão e a escrita como rotas de fuga em Juliano Pessanha. In: **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 19, n. 1, jan.- abr., pp. 76-84, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/5133>. Acesso em 18 de janeiro de 2016.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- NASCIMENTO, E.; OLIVEIRA, Maria Clara C. **Literatura e Filosofia: diálogos**. Juiz de Fora: UFJF; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- PAVIANI, J. Traços filosóficos e literários nos textos. In: ROHDEN, L.; PIRES, C. (orgs.) **Literatura e Filosofia: uma relação transacional**. Ijuí: Unijuí, 2009. pp. 61 - 77.
- PAZ, Octavio. A revelação poética. In: **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify/ Fondo de Cultura Económica, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura exigente. In: **Folha de S. Paulo**, 25 de março de 2012.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Testemunho transiente**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Sabedoria do nunca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. Resenha de: SILVA, Franklin Leopoldo e. **Revista Natureza Humana**. São Paulo, v. 4, n. 1, pp. 223-
- SANTOS, Debora Duarte dos. Do ‘cisne errante dos sangrentos rastros’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *testemunho transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

229, jun. 2002. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302002000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 17 de janeiro de 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

TARRICONE, Jucimara. Uma breve introdução à poética de Juliano Garcia Pessanha. In: **Revista Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 1, pp. 199-210, 2014.

VINÍCIUS, Marcelo. O mundo vê florescer uma geração de autores de fato marcantes? In: **Artes e Ideias**. Disponível em: [http://lounge.obviousmag.org/marcelo\\_vinicius/2013/02/o-mundo-ve-florescer-uma-geracao-de-autores-de-fato-marcantes.html](http://lounge.obviousmag.org/marcelo_vinicius/2013/02/o-mundo-ve-florescer-uma-geracao-de-autores-de-fato-marcantes.html). Acesso em: 17 de janeiro de 2016.

Falás Breves

SANTOS, Debora Duarte dos. Do ‘cisne errante dos sangrentos rastros’ ao desalojamento como identidade: uma leitura de *testemunho transiente* (2015), de Juliano Garcia Pessanha. In: Revista eletrônica *Falás Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069